

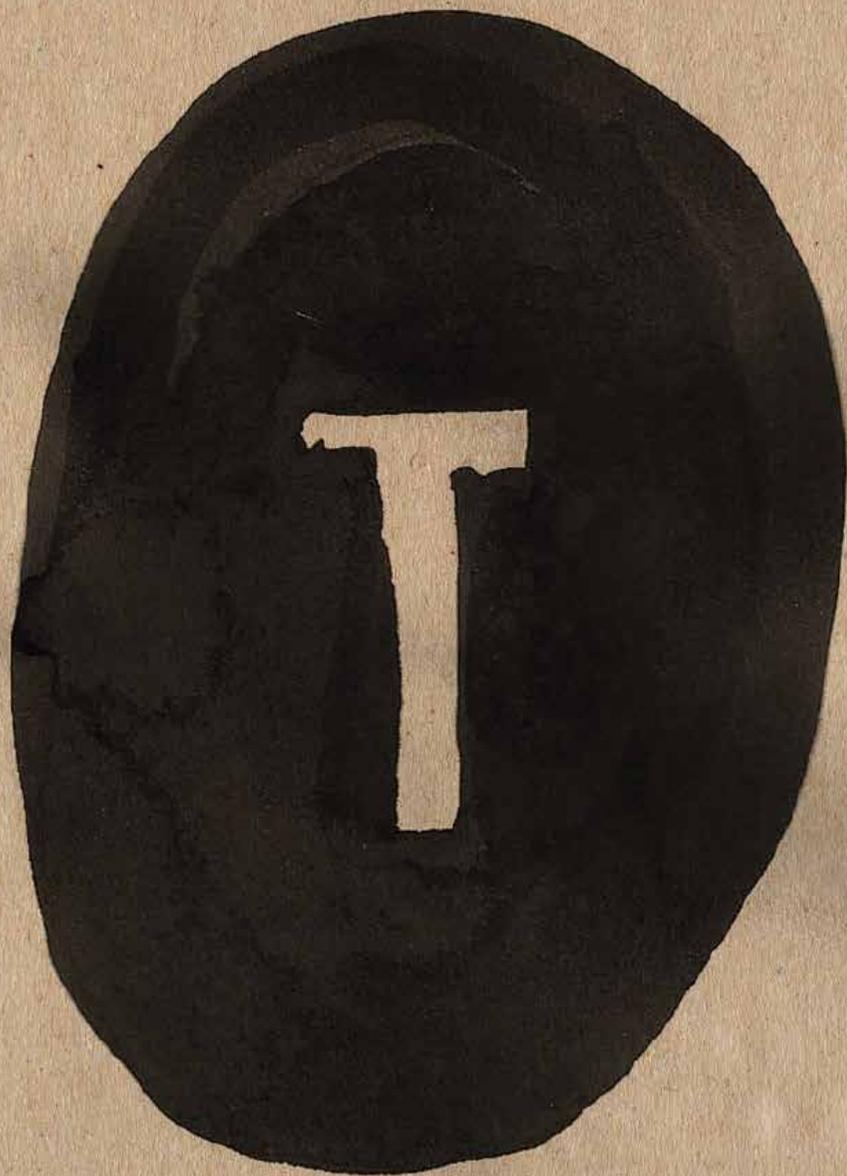
T-TRINTA

TEXTAGEM
CASTELLO

Criação: TEXTAGEM
Castello Spada
Apoio: FINAC
Terra/2024

quantas partes
do planeta,
dos sentires,
dos afetos,
dos seres,
dos atravessamentos,
das identidades,
do tempo,
do jeito,
dos sistemas,
dos encontros,
das despedidas,
dos desencaixes,
dos desejos,
das empolgações
das ideias,
dos sonhos,
do imposto,
do inventado e
do imaginável
fazem parte
de uma pessoa?

01. Tufa
02. Tango
03. Talin
04. Tig
05. Terra
06. Tricone
07. Titi-Tambor
08. Tena
09. Tion
10. Tarcone
11. Táfila
12. Teodore
13. Tereza
14. Tamires
15. Thie
16. Tito
17. Tangerina
18. Tician
19. Tainy
20. Taíno
21. Tesourinha
22. Tiello
23. Tútus
24. Talcon
25. Tâmus
26. Tonatel
27. Tufeli
28. Tandra
29. Tom
30. Tetê



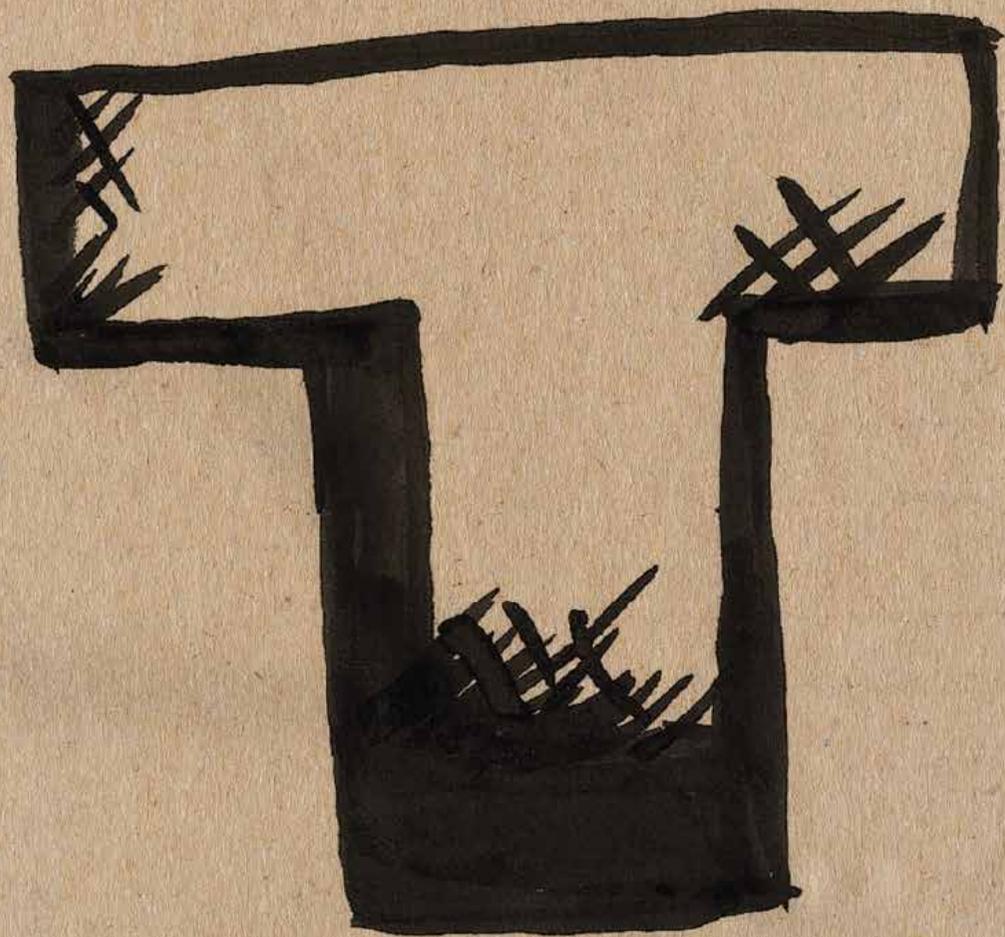
TUFA

Tufa morava com Chico, um gato vira-lata, imitador de passarinhos. Oito anos de vida compartilhada naquele apartamento pequeno no centro da cidade. Foi num domingo desprezioso que Tufa decidiu: vou ligar. Tanto tempo já tinha passado e aquela vontade de soltar alguns engasgos permanecia: "Vou ligar!" O corpo ficou meio gelado, rígido, ecoando o coração que batia angústias. Ela atendeu. Aquela voz, um único "alô" daquela voz era suficiente para um tsunami emocional. Ficou sem ar, sentiu um gosto ruim na boca e desligou, sem falar nada. Naquele momento, mesmo em meio a um turbilhão de pensamentos e efeitos físicos das emoções, Tufa se deu conta de que não é com a pessoa que sufoca que resolveria o sufoco. Pensou nas pessoas amigas, olhou para Chico, para o céu recortado na janela, lembrou do trajeto e conseguiu respirar. Tufa estendeu novamente a linha segura da distância e continuou ali, caminhando naquele terreno estranho e importante de se cuidar.



TANGO

Tango trabalhava num bar de valsas, um conceito novo criado por e para pessoas saudosas do "romantismo-euro-elite" do passado. Tango não tinha nada a ver com aquele espaço, mas precisava pagar os boletos. A proposta do lugar era que: com roupas inspiradas em princesas e príncipes da Disney, as pessoas vivessem uma noite de baile romântico como nos "velhos tempos", dançando valsas e afins. Esse era o cenário onde Tango preparava drinks todos os sábados e domingos. Um dia, enquanto abria sacos de gelo, sentiu uma mão quente no seu braço. Era uma pessoa vestida de príncipe da Branca de neve, com barba-hipster e um sapatênis branco (ao invés das botas). "Posso tirar uma foto com você?" - Tango sorriu e respondeu que sim. A selfie aconteceu e logo na sequência, a pessoa da barba-hipster comentou: "Amei! Sempre quis tirar uma foto com um andrôgeno, "Top!" e saiu. "Tango, dois gins para o casal que tá com a Cinderela" - pediu a voz de alguém que atendia as mesas. Tango embrulhou os sacos de gelo, colocou no reciclado, pegou a garrafa de gin e com um incômodo sem nome - porém fortemente presente (e agudo) em seu abdômen, começou a organizar a bancada para atender o pedido.



TALIN

O olhar estava fixado no pôr-do-sol que via através da janela embaçada do ônibus. Os raios de sol que pintavam o céu em tons de laranja e magenta faziam o corpo de Talin suspirar. Sempre gostou das cores do céu. O ônibus parou aleatoriamente. "Quebrou" - disseram algumas vozes num pseudo-coro. O desespero de quem se atrasaria, o cansaço de quem não aguentava mais, a insatisfação, o conformismo e a desistência formaram uma ventania naquele ônibus. A galera desceu rapidamente, mas Talin continuou no mesmo lugar. "Moça, quebrou, tem que descer" - gritou o cobrador. "Não sou moça" - corrigiu Talin (em pensamento), enquanto via o finalzinho do degradê quente desaparecer.



Do nada Tig decidiu abandonar aquilo de sempre. Até então estava tranquilo viver ali, era conhecido, mas deixou de ser confortável. Abriu os olhos e com uma coragem apressada no peito, mergulhou. No caminho se deu conta de que curtia sentir aquele trajeto incerto que atravessava a barriga, a boca, os olhos, garganta, mãos, pés, pele... Tanto tempo fechado na caixa X, não conseguia se ligar do vento, do sol, da chuva, das nuvens, dos pássaros, das árvores, dos bichos, das outras milhares de presenças além da espécie de pessoas... mas alguma coisa naquele dia fez Tig assimilar, se deu conta! Percebeu a coisa e descobriu um jeito novo de sentir.



TIG





TERRA

Terra gostava muito de sentar no muro e observar com tempo. Era sempre o mesmo muro, o último de uma rua vazia de carros. Mas com o tempo, o tempo ficou esquisito e o muro mofou. A rua vazia de carros virou uma rua cheia de ônibus e Terra - que encolheu com o tempo, não cabia mais no muro. Terra que sempre gostou de observar não percebeu a armadilha. E nem teria tempo, precisava se atentar aos ônibus para não perder o seu.





TRICONE

Tricone folheava um livro antigo na biblioteca da cidade. O cheiro de papel envelhecido misturava-se ao cheiro de tabaco que acompanhava seus dedos e roupas. Não estava em busca de nenhuma resposta específica, nem de informação exata. Queria apenas se surpreender com algo, descobrir, sentir. Algumas horas depois, abriu o décimo livro do dia. Logo na contracapa percebeu uma frase escrita à mão, com caneta azul: "diante da lei, não somos ninguém". Tricone sentiu.





A batida ritmada ecoava entre as árvores ainda adormecidas. Titi-Tambor todos os dias quebrava o silêncio daquele parque urbano onde morava. "Bom dia, Titi" - escutou alguém se aproximando. (Era Tango) "Saiu do bar só agora?" - perguntou. Tango confirmou balançando a cabeça e mostrando suas covinhas. "Pode continuar tocando, migue" - disse enquanto sentava em frente ao tambor. As batucadas voltaram, Tango fechou os olhos, Titi também.

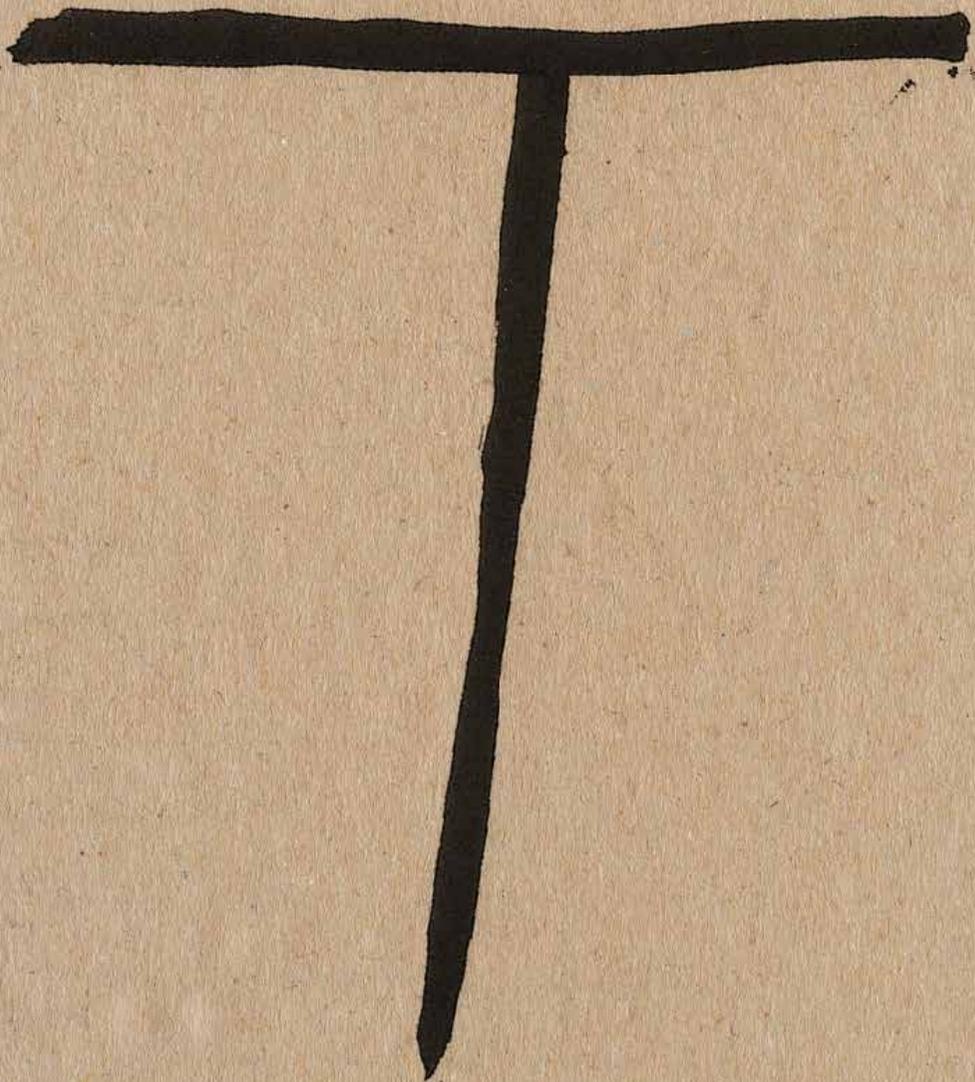
TITI-TAMBOR





Tena fez dança desde os quatro anos de idade. Começou com balé, depois foi para o jazz, na sequência para dança contemporânea, chegou na dança afro e ali quis ficar. Aos poucos, convivendo naquele espaço onde a ancestralidade era um tema presente e respeitado, foi questionando a própria história e o percurso de sua família. Por parte de mãe: Líbano. Por parte do pai: Armênia. Tena se deu conta de que mesmo indiretamente (considerando o lado armênico), sua ascendência era Árabe. Trinta anos de idade e nunca tinha se dado conta. Decidiu mergulhar em estudos e pesquisas, conversou com toda a família, pegou livros, fez inúmeras buscas na internet, passou a acompanhar pessoas em mídias sociais e foi se percebendo, se descobrindo. Notou traços, notou cores e notou o apagamento.

TENA



TION

Tion andava muito pela cidade e se indignava com a falta de acessibilidade. "Se a cidade é feita por pessoas, para uso das pessoas, por que é hostil com as pessoas?" - questionava sempre. E reparava em tudo: no cimento cobrindo a terra, nos cabos cortando as montanhas, nos blocos gigantes que tapavam o sol, nos muros que impediam o vento, nos pássaros pousados em antenas, nas árvores cercadas com seus troncos pintados, no céu recortado. "Que ódio!". Tion sentou na escadaria do caminho e, enquanto observava alguns pombos almoçando, ficou tentando imaginar aquilo tudo diferente.



TARCONE

Curtia a brisa da bicicleta apesar das ciclofaixas serem poucas e péssimas. Sentia que a sociedade seguia um ritmo mentalmente tóxico, fingindo normalidade. "Finge que tá normal" - esse era o conceito daquela sociedade. E Tarcone não curtia. Achava totalmente incoerente, antilógico. "Finge que tá normal"... era nítido que esse fingimento adoecia. Era óbvio que seguir a coreografia imposta estava nos aniquilando. Quer aceitação? "Finge que tá normal". Tarcone odiava isso, mas também fingia que estava "normal". E você? - Perguntava em conversas por aí. Todas as pessoas sentiam alguma identificação, algumas riam. Um dia qualquer, pedalando, Tarcone decidiu grudar uma caixinha de som na bicicleta e espalhar pela cidade: "pare de fingir que está normal".





TÁFILA

Táfila gostava das crianças. Dar aulas nunca tinha sido um plano, aquilo surgiu com a vida em seus movimentos. Preferia as crianças porque sentia que conseguia se conectar com elas, também porque se inspirava muito com os olhares curiosos, os pensamentos lúdicos, o jeito de se movimentar, as análises e interpretações... Um dia, no horário do intervalo, Táfila percebeu uma criança espiando em sua direção. Minutos passaram e ela continuava lá, só de olho. De repente, aquele ser humano de três anos foi se aproximando de Táfila que, ao perceber o movimento, sorriu. "Você é uma pessoa?" - perguntou a criança com um jeitinho curioso e tímido. "Sim, sou uma pessoa" - respondeu Táfila. A criança também sorriu e os olhos brilharam, provavelmente por ter percebido (exatamente naquele momento) que existem muitas e diversas pessoas no planeta.



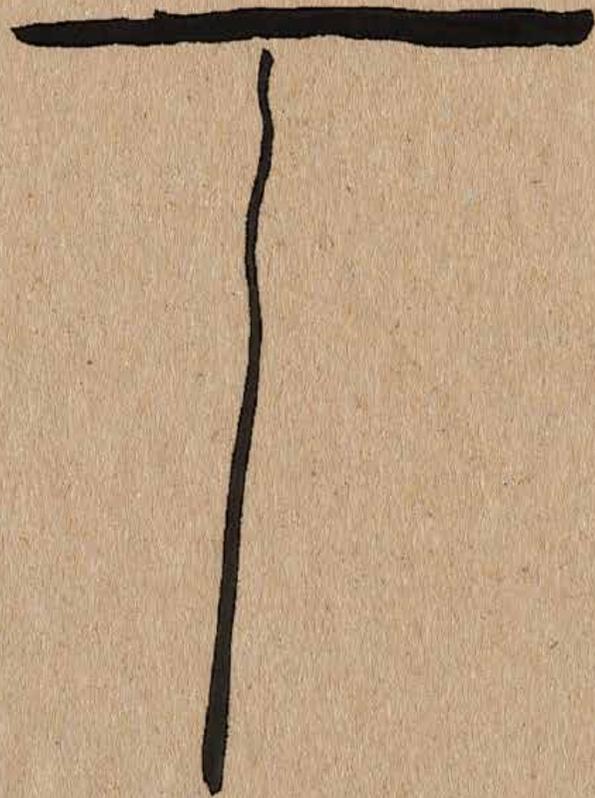
Teodore tinha um olhar profundo para as pessoas. Sorria e curti ouvir sobre as vidas, observar. Sempre que possível ia ao asilo do bairro conversar, ouvir e compartilhar o tempo. Mara tinha 78 anos e não recebia visita da família, mas recebia a visita de Teodore e gostava de contar sobre os amores, sobre o candomblé, sobre os empregos que teve, sobre o que sentia da vida. Teodore amava ouvir. Um dia, ao chegar no asilo, Teo recebeu a informação de que Mara havia partido vítima de um AVC. Aquela notícia doeu demais, o choro veio de imediato, a saudade ocupou o corpo e os pensamentos viraram uma mistura: imagens de Mara contando as histórias, seu jeito, sua voz, suas dores, seus amores. Teodore não soube a tempo de ir ao velório, mas tinha em si um filme afetivo do último encontro: Mara arrumada, com brincos novos, batom e um sorriso grandão agradecendo pelas fotos: num abraço emocionado disse que nunca nem tinha imaginado se ver e se reconhecer tão linda.

TEODORE



TEREZA

Tereza tinha uma barba enorme e desde jovem tinha esse desejo (por muito tempo secreto e já há muito tempo revelado). Sentia que com aqueles pelos cacheados e ruivos estava na plenitude da própria aparência: sou eu, assim sou eu! - se realizava em frente ao espelho. O tempo estava curto, as entrevistas seriam em uma hora. Saiu. No caminho, como todos os dias, percebeu os olhares e tentou abstrair ao máximo. Ao chegar na seletiva também notou os olhares e, de novo, abstraiu. Tereza entrou na sala, sentou na cadeira principal e pediu para a secretária que estava próxima: "por favor, quando as entrevistas terminarem, pede pra quem conduziu vir aqui falar comigo?" - Sim, Tereza, pode deixar. Você aceita um cafezinho? "Aceito sim, por favor." E assim, Tereza tomou seu café como todos os dias, em sua sala, aproveitando a vista panorâmica da cidade e lembrando de quando sua empresa era apenas uma ideia.



TAMIRES

Tamires trabalhava na portaria de um prédio classe média alta no bairro mais arborizado da cidade. Gostava muito de lá, curti a variedade das plantas, das árvores e vira e mexe pesquisava sobre elas, até que um dia decidiu: faria mudas de todas as plantas e árvores para plantar no Ponto - bairro onde morava. O Ponto era vazio de plantas e lotado de pessoas (que nitidamente, mal conseguiam respirar). Tamires queria mudar a situação. Pesquisou muito, entendeu quais espécies poderiam ser plantadas e começou a regar sua ideia. Assim, os dias passaram até passarem os anos e Tamires ganhou fama, até parque inauguraram em sua homenagem, foi lindo, a comunidade inteira se envolveu e Tamires era a "pessoa das plantas". O bairro virou referência no país e até se destacou em alguns eventos pelo mundo. O Ponto Verde - como ficou conhecido - desde então, faz muita gente respirar.



THIE

Thie gostava das pedras, sentia que todas tinham muito valor e por isso as juntava em acúmulo, como uma riqueza. Em qualquer caminho de qualquer lugar Thie achava uma pedra. Às vezes várias pequenas, às uma ou outra grande. Em sua casa de madeira com três cômodos, todos os espaços possíveis eram ocupados pelas pedras. E a cada novo achado o mesmo processo: lavar bem lavadinha e deixar secar no sol. Os finais de semana eram dedicados para proporcionar banhos de sol para as pedras veteranas. Durante a semana, banho e sol nas novatas. Um dia, enquanto lavava novas pedras percebeu que não havia mais espaço na casa, nem para elas, nem para si. Resolveu tirar as telhas, deixar sol e chuva cuidarem das pedras em seus próprios tempos e saiu caminhando, em modo aleatório, buscando um novo espaço para preencher.



TITO

Tito sentia muita pressa, uma pressa interna, agitada e sempre presente. Já tinha tentado diversas coisas: remédios, terapias, mudanças na alimentação, religiões, esportes... algumas coisas até ajudavam, mas nada impedia aquela pressão interna e constante. Acordava com pressa, dormia com pressa. De domingo a domingo: pressa. Um dia, enquanto tomava banho, percebeu as rugas nas mãos. Não era só por conta da água, era o tempo. Estava percebendo a mudança em si que a pressa frequente cobria. Respirou fundo, desligou o chuveiro e percebeu o golpe: a pressa não era sua, a pressa era uma imposição. Tito experimentou, talvez pela primeira vez, o silêncio da pressa. E se deu conta de que todas as tentativas anteriores funcionaram de uma vez só: se ligou. Se ligou muito. Aliás, decidiu se desligar um tanto, se desconectou. Percebeu o som ambiente, as cores (que ficaram bem diferentes), umas linhas, texturas e outras camadas. Tito notou aquele montão de vida que a pressa escondia.



É óbvio que em quase qualquer situação alguém questionava: Tangerina?!... Tangerina já tinha se acostumado com isso, mas frequentemente refletia sobre a fictícia norma dos nomes. O que fazia sua mente viajar sobre outros pontos normativos e perceber os "invisíveis". Por exemplo, chorar em público: quando transborda ok, a gente chora. Mas, veladamente, existe a norma invisível de que não se chora em público. A gente se esconde pra chorar. E o "público" em grande parte não sabe lidar com o choro alheio quando escapa. Talvez por não saber lidar com o próprio choro? Ou por ver rompida essa "norma" de não chorar? Eram infinitas as reflexões de Tangerina. Certa vez, pensou que pensava demais e decidiu falar com uma pessoa profissional da escuta. Precisava esvaziar. E falou, falou, falou até chorar (ali podia chorar). O tempo aconteceu e Tangerina também quis se especializar em escuta. "As pessoas precisam falar, chorar e sorrir" - pensava. No primeiro dia da especialização: "a escuta da singularidade", na própria experiência: a singularidade atravessada por um contexto social. Com a mistura disso tudo, Tangerina se especializou na escuta que fala, chora e sorri, porém, com noção das realidades.

TANGERINA



TICIAN

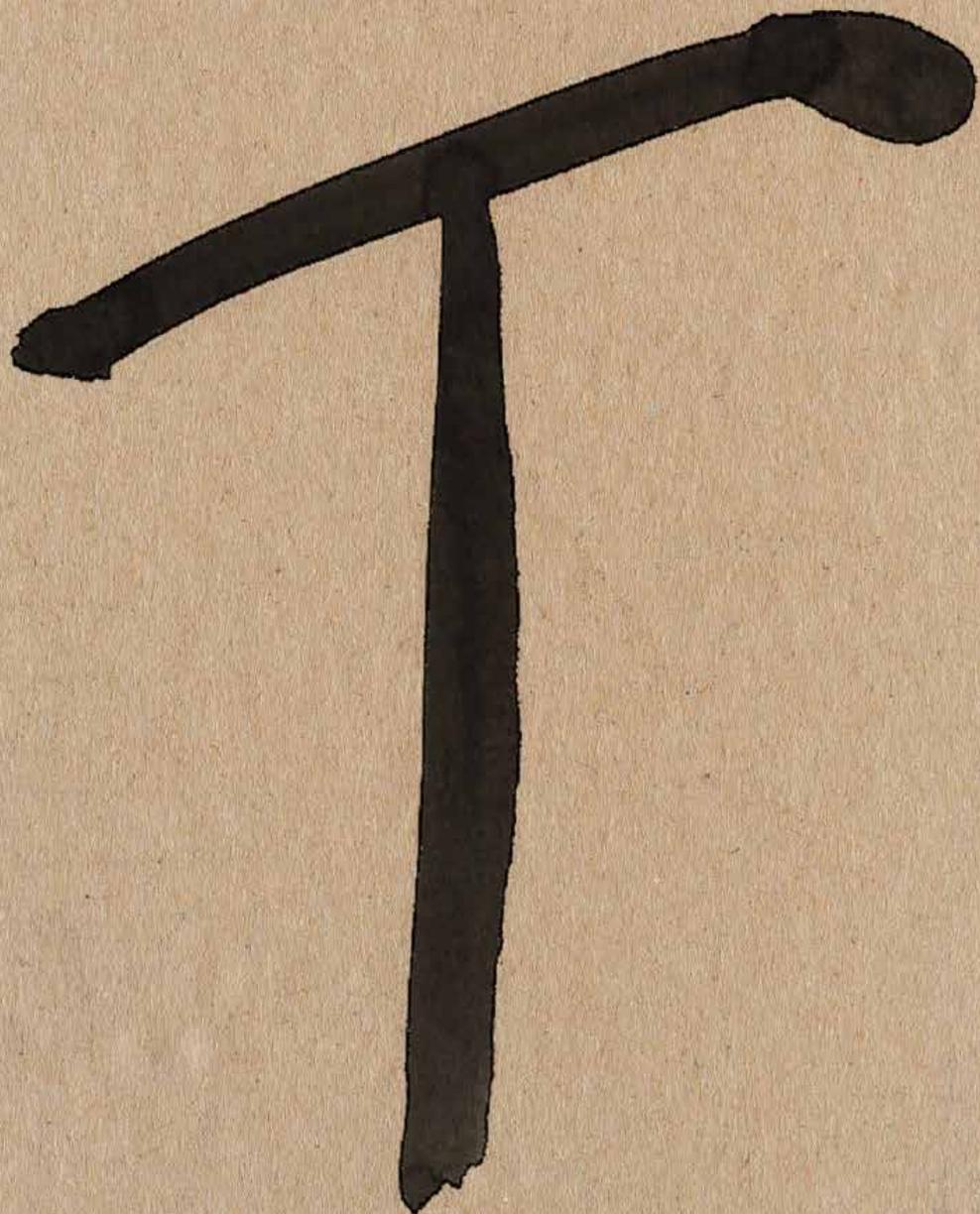
Tician gostava de ir numa pizzaria-karaokê que ficava próxima da sua casa. Toda quinta-feira à noite estava lá. Gostava de tomar uma cerveja inteira antes de cantar, "aquecimento" - sentia. Depois costumava cantar duas músicas, pedia mais uma cerveja, comia uma mini-pizza, cantava mais duas músicas e ia embora. Um dia, assim que chegou, percebeu uma pessoa com uma criança - ambas com um sorriso difícil de ignorar, lindos, com risquinhos e grandões. Sentou no lugar de sempre, mas ao invés de tomar a primeira cerveja escolhendo músicas, resolveu observar. A pessoa que estava com a criança percebeu e jogou aquele sorriso bonito direto no olhar de Tician. "Será?" - perguntou mentalmente sentindo um friozinho na barriga. Sorriu de volta e de volta recebeu sorrisos - dessa vez da criança também. Tician escreveu um bilhete: adorei o encontro dos nossos sorrisos (e colocou seu telefone). Meio tímido deixou o bilhete na mesa da pessoa e da criança e se despediu. Saiu de lá com sorriso nos olhos e batucadas no coração.



TAINY

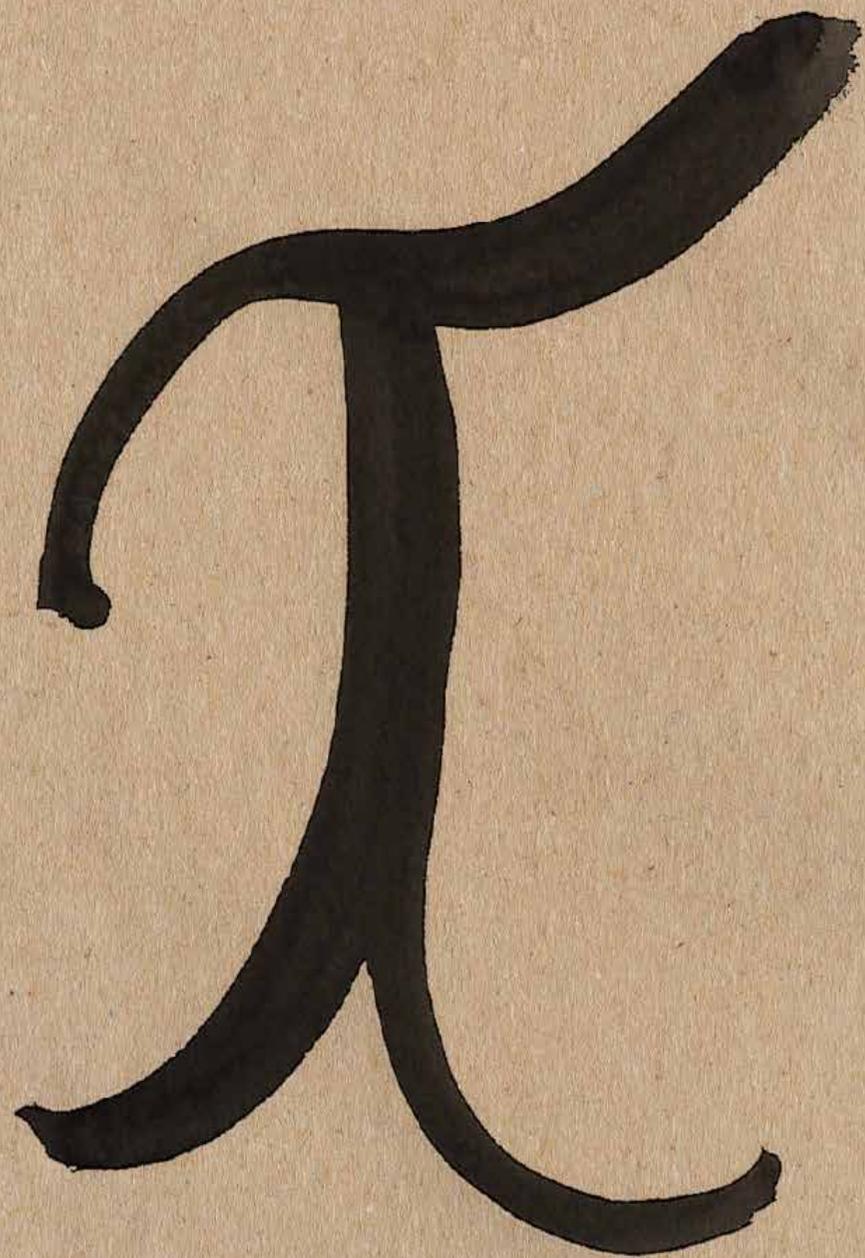
Já tinha passado do horário total. E todo dia era a mesma coisa: insônia. Tainy não suportava mais. Tomava remédios, chás, fumava CBD, aplicativos de meditação, leituras aleatórias, nada-nada. As pessoas próximas não conseguiam entender: "é só ficar imóvel que dorme", "faça isso, faça aquilo", "você precisa dormir, tem que dar um jeito", "e se isso e se aquilo"... era horrível. Por um lado entendia que a intenção era ajudar, por outro só queria paz e conseguir dormir. Foram anos nesse descompasso até que algo funcionou. Tainy não soube explicar e as pessoas diziam: "foi isso, foi aquilo", "falei que isso e sei lá o quê...". Foda-se. Tainy finalmente conseguiu dormir e é isso que importa.





TAÍNO

As ondas batiam ritmicamente contra o casco do barco de madeira, compondo com o céu estrelado que se estendia até o horizonte. Taíno tinha encontrado a liberdade de ser quem era: uma pessoa-navegante solitária de gente, entupida de aconchego planetário. Sentia a presença do vento e apreciava a chuva com envolvimento da mesma forma que se relacionava com o sol. Os insetos, os peixes, as águas. Tudo era companhia. Taíno sempre gostou da água e morar num barco foi escolha. Às vezes dormia na praia, às vezes na floresta, mas gostava mesmo de estar no barco. Vivia de fogueira, navegações, água da chuva e sonhos. Ao contrário do que algumas pessoas pensavam, Taíno não era desistente da vida, bem pelo contrário: era uma pessoa entusiasmada com ela, corajosa, que pegou na mão do planeta e assumiu.



Tesourinha estava em plena empolgação com sua mãe enquanto seguiam para o cartório. Era um dia importante demais porque, além de seu aniversário de quarenta anos, Tesourinha finalmente teria o nome da mãe em seus documentos. Aquela que vinte anos atrás tinha sido sua sogra, a partir daquele dia seria oficialmente sua mãe (afetivamente já era há mais de dez anos). A história chamava atenção por onde chegava, afinal, não era comum a adoção de pessoas adultas e menos ainda uma ex-sogra virar mãe. Primeiro de agosto de dois mil e dezenove: adoção oficial efetivada e mais uma família não-tradicional brasileira viva e feliz.

TESOURINHA



Tiello trabalhava com instalação de postes elétricos e estava no meio do serviço quando percebeu a presença de uma caburé-de-pernambuco. "Não é possível" - pensou. Desde a infância não via uma caburé. Tiello se emocionou. As pessoas que passaram nessa hora não entenderam nada - e tudo bem.

TIELLO



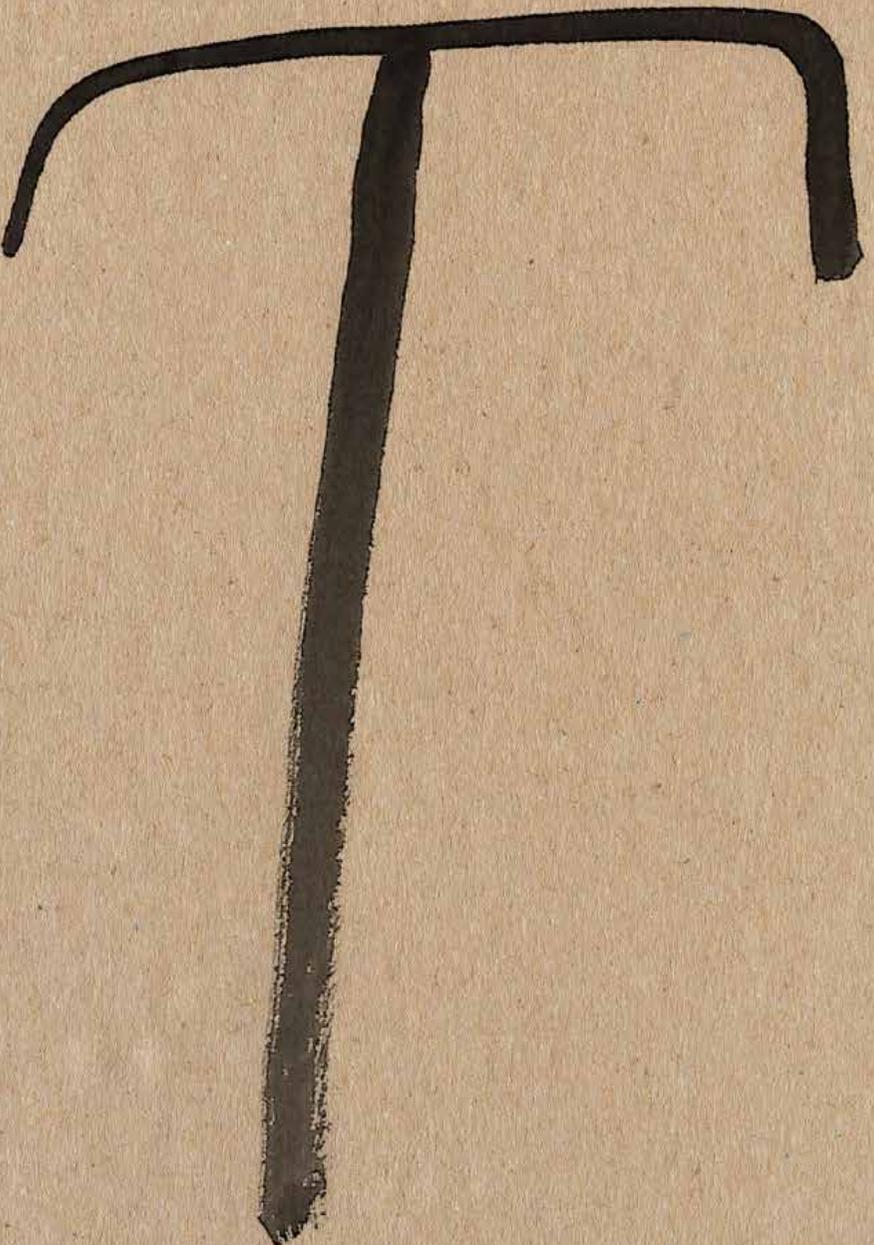
TÚTUS

O medo do avô partir antes de poder se despedir acompanhou Tútus naquela viagem inteira. Mas chegou: estava lá na casa onde cresceu, na casa dos avós, na casa de uma vida inteira. O momento da despedida de quem está indo de forma definitiva do planeta é muito específico. As imagens, o medo, a angústia, o amor tudo que a gente sente e conhece sentir sentimos diferente nessas horas. Pouco tempo depois de sua chegada, Tútus foi ajudar no banho do avô. Debitado pelo câncer, entrando na linha final daquela etapa, ele precisava de apoio para essa e todas as coisas. Depois do banho, Tútus sentou ao lado da cama e agradeceu, contou lembranças, sorriu e enquanto segurava aquela mão que conhecia desde sempre, também chorou. As horas passaram e lá foi aquele que até então (e desde sempre) esteve ali. Tútus sentiu uma dor profunda e saudade imensa instantaneamente, tudo denso e quase palpável. Naquele momento, em meio a tantas emoções, se deu conta de que tinha dado o último banho da vida do seu avô. Isso marcou porque sabia que seu avô tinha dado o seu primeiro banho da vida. Foi um desfecho bonito para aquela dupla que não dependeu de uma igualdade sanguínea para criar conexão afetiva. Sempre foi amor, do primeiro ao último banho - e além.



Talcon estava no auge do cansaço daquela lógica toda. Ouvia todo mundo dizer mil coisas contra padrões de beleza, sobre a importância dos afetos, sobre não-monogamia, sobre rupturas, mas não sentia que na prática as coisas aconteciam conforme os discursos. O tempo passava, os discursos se potencializam e Talcon continuava lá, sem receber nenhuma manifestação de desejo. Frequentava os lugares, entrava nos aplicativos, e nada. Queria beijar, queria transar, queria se envolver, viver ao menos uma vez um amor romântico-sexual profundo, mas não rolava. Era nítido que apesar dos discursos todos as pessoas estavam desalinhadas nas ações. Apesar de velado, estava tudo revelado.

TALCON



Tâmus trabalhava num abrigo de crianças e gostava muito (apesar dos atravessamentos). Era difícil ver como o esquema acontecia. Quando as pessoas queriam adotar uma criança era combinado um "dia de visitaçã" para que pudessem observar as "disponíveis". Todo mundo sabia que quando entrava alguém, principalmente um casal para "conhecer" o abrigo, o que estava posto era escolher uma criança. Depois dessa escolha inicial, era combinado um final de semana para que as pessoas interessadas na adoção pudessem conviver com a criança selecionada e assim decidir. A angústia nos olhinhos de quem ia e tinha medo de não ter a adoção efetivada era tão forte quanto a de quem ficava: o que falta ou sobra em mim? Por que não eu? Tâmus achava um absurdo esse sistema e ficava de cara com a "normalidade" de quase todo mundo. Como as pessoas não percebem a toxicidade desse processo? Por que não se importam com o que sentem as crianças? A coisa é toda bizarra: vitrine de crianças, escolha o "modelo" que te agrada, leve para experimentar e efetive a adoção - ou devolva. É horrível. "Até quando?" - Tâmus questionava. Até quando?

TÂMUS



TONATEL

Estava no centro quando sentiu a barriga avisar: precisava de um banheiro. Tonatel decidiu ir num centro comercial porque imaginou que lá seria fácil. "Fica no quarto andar" - disse uma pessoa que fazia a segurança na porta. Tonatel subiu o mais rápido que conseguiu e quando chegou na porta se desesperou com a placa: "R\$1,50". Aceita cartão? - Somente dinheiro e descobriu que o caixa eletrônico ficava no primeiro andar. Desceu desesperadamente e ao chegar no caixa, mais uma placa hostil "em manutenção". Saiu daquele centro comercial e decidiu entrar no bar ao lado: banheiro? "Só se consumir". Tonatel pegou sua carteira: putz, esqueci o cartão. "Por favor, preciso ir ao banheiro e estou sem dinheiro e sem cartão" - pedido negado. Na rua, sentindo calafrios e caos, Tonatel notou que na praça da frente tinha uma moita. "Vai ter que ser". E lá foi, desconfortável e sem escolhas. De repente, ouviu uma voz grossa pedindo seu documento. Eram três policiais. Você sabe que é proibido urinar e defecar no espaço público? - questionaram. Tonatel explicou que ficou sem opção, que estava passando mal, mas nem foi considerado. Saiu de lá com uma multa no valor de R\$510,00 e ampla consciência do absurdo: se a estrutura social não considera nem o básico(que somos seres que cagam porque precisamos cagar) o que faremos?



TUFELI



Tufeli estava no auge da exaustão, tinha trabalhado o dia inteiro na gravação de um comercial e finalmente estava chegando em casa. Enquanto esperava o elevador, uma vizinha se aproximou. "Boa noite" - disseram. Ao entrar no elevador percebeu que a vizinha estava muito focada nas tatuagens do seu braço. Eis que ela começa: "Olha, nada contra mas " (essa frase nunca tem chance de terminar bem)... "Olha, nada contra mas tantas tatuagens assim me dá a sensação de que seu braço está sujo, acho esquisito, não gosto". A porta do elevador abriu no andar de Tufeli que olhou para a vizinha e entregou mais um "boa noite". Não conseguiu dizer nada além disso - e enquanto limpava a areia do seu gatinho, ficou pensando nas tantas respostas que poderia ter dado.



TANDRA

O dia mal começou e Tandra já estava sorrindo sem fim, lembrando da noite anterior. Tinha jantado com uma pessoa legal e teve um beijo e muita conversa - foi gostoso. O dia seguiu, os compromissos diários foram concluídos, e vez ou outra, em meio às coisas rotineiras do dia, alguma lembrança trazia sorriso de novo. Tandra seguiu a vida em seus multiritmos, sem risco de afogamento.



Tom tinha nove anos e estava de férias na casa de seu avô paterno brincando com as crianças da rua quando ouviu um adulto comentar: "essa menina tá mais pra menino". Tom continuou brincando, mesmo com uma sensação estranha na garganta. "mas é uma menina mesmo" - outra pessoa adulta respondeu. O incômodo na garganta cresceu, a barriga ficou estranha, as mãos frias "não sou menina, nem menino" tentou responder, mas a coisa que cresceu na garganta impediu a voz de sair.

TOM



TETÊ

Tetê se cobrava demais em relação a tudo, mas principalmente no trabalho. Além da autocobrança, tinha o lance do excesso por necessidade de juntar a renda do mês, afinal, vida de PJ. Numa quarta-feira à noite, enquanto completava dez horas de computador, recebeu uma mensagem: "você está vendo a Lua? Tá laranja e enorme!". Levantou e foi procurar, olhou para todos os cantos visíveis do céu e nada. Trocou de janela, se debruçou: nada. Não achou a Lua, mas foi bom procurar e poder imaginar: laranja e enorme. Sorriu. Tetê aproveitou pra tomar água, comer e se esticar.

miniBios

Tufa é uma pessoa de gênero fluido, nasceu em 1990, artista visual, coleciona conchas marinhas e tem duas cicatrizes iguais no joelho, resultado de um tombo de bicicleta quando tinha 8 anos.

Tango é uma pessoa que se identifica boyceta Leonino de 1987. É professor de história da rede pública durante o dia e faz alguns bicos em bares à noite e finais de semana.

Talin é uma pessoa transmasculina, nasceu em 1992, trabalha como auxiliar administrativo num cartório central da cidade. Sempre gostou de observar o céu, desde criança acredita que um dia conhecerá a Lua pessoalmente.

Tig é uma pessoa não-binária, nasceu em 1988 e adora cozinhar. Entende que as pessoas estão em processo, mas sofre muito com os tiros subjetivos no seu peito.

Terra é uma pessoa, tem 30 anos, gênero neutro, tem dois empregos e costuma dizer que se tivesse tempo teria três.

Tricone é uma pessoa agênera, escritora independente, tem 40 anos e mora com uma amiga a quem sempre chamou de "família". Todo sábado elas fazem feira juntas e tiram fotos segurando uma couve-flor roxa.

Titi-Tambor é uma pessoa não-binária, mora em um parque da cidade há mais de 8 anos. Tem muita facilidade em decorar nomes, datas e traços faciais.

Tena é uma pessoa fluida, tem dependência das redes sociais e trabalha isso em análise. Já respondeu processo jurídico de crime ambiental por ter cortado um poste com uma serra-elétrica.

Tion é uma pessoa transfeminine, acha o céu bonito todos os dias, mesmo os nublados. Está no Serasa há muitos anos e já desenganou.

Tarcone é uma pessoa agênero, aquário com peixes e curte sair à deriva. Se tem cuscuz sempre escolhe cuscuz.

Táfila é uma pessoa não-binária, tem 40 anos e gosta muito de creme de milho. Trabalha com educação e, periodicamente, lamenta o tratamento que a classe recebe do poder público.

Teodore é uma pessoa NB, trabalha com fotografia de arte e cultura, tem 40 anos, mora com quatro gatos em um apartamento alugado.

Tereza é uma pessoa transmasculina, empresária reconhecida no ramo de energia sustentável. Frequentemente faz rodas com amigues e toca violão.

Tamires é uma pessoa não-binária, adora tatuar frutas, já tem quase 200. Gostaria que todas as pessoas do mundo fossem conectadas de fato com a lógica florestal do planeta.

Thie não gostava de falar de si. A única informação obtida, além da sua relação com as pedras, é que elu fazia questão do pronome neutro.

Tito é uma pessoa transmasculine, tem 49 anos, mora em São Paulo, tem 3 empregos e está na pós-graduação. Tem dificuldade de lembrar da infância e costuma ficar impaciente com as histórias que contam.

Tangerina é uma pessoa que não se identifica com nenhum gênero. É especialista em psicanálise e árvores frutíferas.

Tician é uma pessoa NB, tem 31 anos, trabalha numa assistência técnica e coleciona instrumentos de madeira.

Tainy é uma pessoa de peixes, ascendente em sagitário, nasceu em 1989 e mora numa vila. Gosta de todo mundo, mas fica triste quando percebe que no fim, todas as pessoas cagam regras.

Taíno é uma pessoa não-cis, tem 63 anos e tem muita paixão pelas músicas e performance do Ney Matogrosso.

Tesourinha é uma pessoa não-binária nasceu no interior, especialista em jardinagem canábica.

Tiello é uma pessoa transmasculine, trabalha na prefeitura e sonha em morar numa montanha.

Tútus é uma pessoa não-binária saudosa da infância que viveu na casa dos avós.

Talcon é uma pessoa intergênero, estudante de astronomia.

Tâmus é uma pessoa que ganhou fama local por ser a primeira pessoa não-cis a dar uma entrevista na emissora de TV da cidade.

Tonatel é uma pessoa não-binária, trabalha numa fábrica de rações e evita redes sociais.

Tufeli nasceu em 1979, é uma pessoa não-binária, mora do lado de um parque e ama observar os pássaros quando tem tempo.

Tandra é uma pessoa-boyceta apaixonado por livros e séries de mistérios com histórias reais.

Tom é uma pessoa não-binária, cheia de energia, ama dançar, brincar e de vez em quando se esconde para desenhar em paz.

Tetê é uma pessoa trans, mora sozinha numa cidade grande mas sente vontade de morar na praia, numa casa pequena.

TEXTAGEM:
ato ou efeito
de experimentar textos,
textar.

Criação:
Castello Spada

T-TRINTA (2024)

Revisão: Dani Barsoumian

Apoio: FINAC

@textagem @ongfinac